



Comércio internacional

Reinaldo Gonçalves
Prof. Titular
IE-UFRJ



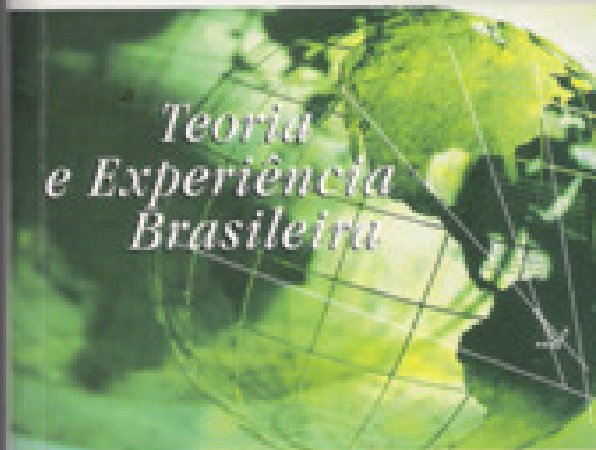
Sumário

1. Determinantes: tese geral
2. Vantagem comparativa
3. Enfoques
4. Novos modelos



ECONOMIA INTERNACIONAL

*Teoria
e Experiência
Brasileira*



Renato Baumann
Otaviano Canuto
Reinaldo Gonçalves



+



Determinantes

- Volume
- Composição
- Preços
- Direção



Tese

Não há uma teoria
geral dos
determinantes do
comércio internacional



Poder explicativo limitado (Viner, 1951)

- Produto
- Indústria
- Firma
- País
- região
- Tempo
- Oferta vs demanda
- Fatores não-econômicos



Adam Smith (1776)

Vantagem Absoluta

$P(A)^I$

\neq

$P(A)^{II}$



Ricardo (1817)

Vantagem comparativa

$$P(A)^I / P(B)^I$$

\neq

$$P(A)^{II} / P(B)^{II}$$



	Produto A (vinho)	Produto B (tecido)
País I (Portugal)	80	90
País II (Inglaterra)	120	100



Ganhos de comércio

Termos de troca: 1 A = 1 B

Portugal = $2 \times 80 = 160$

Ganho $\uparrow 170 - 160 = 10$

Inglaterra = $2 \times 100 = 200$

Ganho $\uparrow 220 - 200 = 20$



Ganhos de comércio

Termos de troca 1 A = 0,89 B

Portugal

Fechado: produção = consumo

Aberto: produção = 2,12 A
(2,12x80=170)

Consumo = 1 A

Exporta = 1,12 A \Leftrightarrow Importa =
1 B

Consumo 1 B

0

Ganho \uparrow

Algoritmo da vantagem comparativa

V_0	C_A	C_A	P_A	$(P_A/P_B)^I$	Se	País I	Especialização na produção	País I	Ganhos de comércio	Aumento do bem-estar
?	C_B	C_B	P_B	$(P_A/P_B)^{II}$	$(P_A/P_B)^I$	VC: A		X: A		
				\neq	$<$	DC: B		M: B		



Enfoques

- Teoria clássica
- Teoria neoclássica
- Enfoque neofatorial
- Enfoque neotecnológico
- Economia de escala
- Estrutura de mercado
- Demanda
- Novos modelos



Enfoque Clássico

Determinante básico

- Tecnologia: diferencial de produtividade do fator trabalho



Evidência empírica

MacDougall (1951)
EUA vs. Reino Unido

Resultado não-conclusivo

=> Produtividade de mão-de-obra
não é o único fator determinante



Enfoque Neoclássico

Determinante básico


- Diferencial na dotação de fatores:
Capital e trabalho



Enfoque Neoclássico

Hipótese central:

- País rico em capital tende a ter vantagem comparativa em produtos intensivos em capital e, portanto, exportar produtos intensivos em capital e importar produtos intensivos em trabalho



Paradoxo de Leontieff (EUA, produção US\$ 1 milhão)

	Produtos de exportação	Produtos de importação
Capital (US\$ mil) - K	2551	3091
Trabalho (mil homens-ano) - L	182	170
K/L	14,0	18,2



Explicações?

- Produtividade nos EUA é maior
- Setor substituidor de importações (funções de produção diferentes)
- Política comercial
- 2 fatores



Enfoques (retornando)

- Teoria clássica (Ricardo)
- Teoria neoclássica (Heckscher-Ohlin)
- Enfoque neofatorial
- Enfoque neotecnológico
- Economia de escala
- Estrutura de mercado
- Demanda
- Novos modelos



Enfoque neofatorial


- Capital humano
 - Mão-de-obra qualificada *versus* mão-de-obra de baixa qualificação
- Recursos naturais
- Complementaridade fatorial
 - RN com K
 - KH com K

Quadro 2: Brasil – Produtos de exportação intensivos em mão-de-obra menos qualificada e produtos de importação intensivos em mão-de-obra mais qualificada

Conteúdo médio de mão-de-obra implícito nas exportações e nas importações segundo o grau de qualificação da mão-de-obra

	Mão-de-obra mais qualificada (Q)	Mão-de-obra menos qualificada (PQ)
Exportações (Lx)	0,0116	2,6379
Importações (Lm)	0,0117	1,3962
Relações		
LxQ / LxPQ	0,0044	
LmQ / LmPQ	0,0084	

Nota: Requisitos diretos e indiretos de mão-de-obra necessários ao aumento de CRS 1 milhão na demanda final.
 Fonte: Machado, Danniell Lafeté. A qualificação da mão-de-obra no comércio internacional brasileiro: um teste do teorema de Heckscher-Ohlin. Rio de Janeiro, BNDES, 1997, tabela 5.7, p. 82.




Quadro 3: Brasil – Aumento relativo dos requisitos de mão-de-obra mais qualificada no setor exportador entre os períodos pré e pós-liberalização comercial

Produtos de exportação tendem a ser mais intensivos no uso de mão-de-obra menos qualificada do que os produtos de importação

Distribuição da mão-de-obra empregada nas exportações e no setor substituidor de importações (em percentagem)

	Mão-de-obra menos qualificada	Mão-de-obra mais qualificada	Total
1985			
Exportações	96,2	3,8	100
Importações	93,0	7,0	100
1995			
Exportações	95,2	4,8	100
Importações	92,9	7,1	100



Quadro 1: Brasil – Vantagem comparativa em produtos intensivos recursos naturais

Coefficiente direto de recursos naturais segundo o índice de vantagem comparativa

VCR	CDRN
10+	0,2685
10-	0,0189
20+	0,2499
20-	0,0803

Notas: VCR – índice de Vantagem Comparativa Revelada (fórmula de Lafay).

CDRN – Coeficiente Direto de Recursos Naturais. Dados da matriz de insumo-produto de 1980. Definido como a participação dos produtos da agropecuária e da indústria extrativa no custo intermediário total de cada atividade.

10+ refere-se aos 10 produtos com maior VCR e 10- aos 10 produtos com menor VCR.

Fonte: Nonnenberg, Marcelo. Vantagens comparativas reveladas, custo relativo de fatores e intensidade de recursos naturais: resultados para o Brasil – 1980/88. Pesquisa e Planejamento Econômico, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 373-404, agosto 1995, tabela 8, p. 397.

Quadro 5: Distribuição, padrão e conteúdo de trabalho no comércio exterior brasileiro por parceiro comercial, segundo o grau de qualificação de mão-de-obra – 1999 e 2001

Diferenças marcantes no padrão de comércio exterior brasileiro segundo o parceiro comercial – os produtos exportados para a União Européia são mais intensivos em recursos naturais.

Distribuição do comércio exterior brasileiro, segundo o parceiro comercial, percentual do valor total

	UE	EUA	Mercosul	Outros	Total
Exportação	27,3	24,0	13,2	35,5	100,0
Importação	27,3	23,3	13,4	36,0	100,0

Padrão do comércio exterior brasileiro, segundo o parceiro comercial e o setor (em % do total de cada parceiro)

Exportação	UE	EUA	Mercosul
Agropecuária e produtos alimentares	43,4	9,4	9,8
Indústria extrativa mineral, incluindo petróleo	9,6	2,5	2,4
Outras indústrias	47,0	88,1	87,8
Total	100,0	100,0	100,0

Importação

Agropecuária e produtos alimentares	3,3	1,4	32,7
Indústria extrativa mineral, incluindo petróleo	0,2	1,9	9,4
Outras indústrias	96,5	96,7	57,9
Total	100	100	100



Enfoque neotecnológico

- Modelo de *gap* tecnológico
- Modelo de ciclo de vida do produto
 - Inovação
 - Maturidade
 - Estandardização (consumo de massa)



Modelo de ciclo de vida do produto: Fases

- I: localização – mercados altas rendas
- II: custos tornam-se importantes –
relocalização via IED
- III: concorrência - mudança do
padrão de comércio



Economia de escala

setor com retornos crescentes de escala
pode ser localizado em país de grande
porte com uma desvantagem comparativa
fundamental nesse setor

se a vantagem de custo derivada da
maior escala superar a desvantagem
comparativa inicial



Estrutura de mercado

- Concorrência monopolística
 - Diferenciação do produto
- Comércio intra-indústria
- Comércio intra-firma
 - Superfaturamento
 - Subfaturamento



Demanda: hipóteses

- Pressão da demanda interna
 - Taxa de ociosidade
- Similaridade de preferências (Linder, 1961)
 - Padrões similares
 - Nível de renda
- Diferenciação de características (Lancaster, 1980)
 - Economia de escala



Novos modelos de comércio internacional

- Fatos
- Concorrência
- Criação de vantagem comparativa
- Política comercial estratégica
- Integração regional
- Empresas transnacionais



Fatos


- comércio é mais expressivo entre países que são mais similares entre si
- comércio intra-indústria
- comércio intra-firma



Comércio e concorrência


Ganhos de comércio

- ↙ Aumenta a variedade (maior liberdade de escolha)
- ↙ Aumenta o número de firmas (aumenta a concorrência), efeito pró-competitivo



Criação de vantagem comparativa

-
- ↳ substituição de importações
 - ↳ acidente histórico



Criação de vantagem comparativa

setor com retornos crescentes (escala e aprendizado) pode ser localizado em país com uma desvantagem comparativa fundamental nesse setor

se a vantagem de custo derivada das economias de escala e aprendizado superarem a desvantagem comparativa inicial



Integração regional

- Maiores oportunidades de economias de escala : reestruturação produtiva (consumidores ganham e produtores perdem)
- Existência de preferência pelo mercado doméstico



Empresas transnacionais

- Vantagem locacional não precisa estar associada a eficiência ou vantagem competitiva (canais de comercialização)
- Vantagens específicas à propriedade, economia de escala e diferenciação de produto
- Internacionalização da produção (Exportação vs IED)

Quadro 7: Empresas estrangeiras e comércio exterior brasileiro – Coeficientes de exportação e importação, 1995 e 2000

(em percentagem)

Crescente importância do comércio intrafirma e crescente participação das ETs no comércio exterior brasileiro

Exportações	1995	2000
ETs/total Brasil	46,8	60,4
Comércio intrafirma / total ETs	41,7	63,3
Comércio intrafirma / total Brasil	19,5	38,2
Propensão a exportar de ETs	11,5	15,4
Propensão a exportar de ETs na indústria	15,0	23,2
Importações		
ETs/total Brasil	38,8	56,6
Comércio intrafirma/total ETs	44,0	57,8
Comércio intrafirma/total Brasil	17,1	32,7
Propensão a importar de ETs	10,2	14,6
Propensão a importar de ETs na indústria	13,7	20,5

Notas: ETs – filiais e subsidiárias de empresas estrangeiras no país.
Propensão a exportar das ETs = exportação/receita operacional líquida
Propensão a importar das ETs = Importação/receita operacional líquida

Fonte: Elaboração do autor com base em Lacerda, Antônio Corrêa de. Globalização e Investimento Estrangeiro no Brasil. São: Editora Saraiva, 2004, tabelas 5.1 e 5.2.



Política comercial estratégica

Políticas ativas

- comercial
- industrial
- tecnológica
- creditícia



Síntese

Não há uma teoria
geral dos
determinantes do
comércio internacional



Obrigado!